

PERFIL

Verónica Pascucci, pianista e educadora

Fotos/Paulo Soares



Musicoterapeuta, pianista e educadora, a argentina Verónica Pascucci mantém uma relação íntima com a musicalidade, que utiliza para enfrentar a vida e ajudar pessoas a superar desafios, mas é no silêncio que se dedica a conhecer a si mesma

Yane Botelho  
Da equipe de O Estado

Forte, firme, prolongado, generoso. O aperto de mão da pianista e educadora Verónica Pascucci anuncia seu grande espírito. Musicoterapeuta, ela utiliza as melodias como um afiado instrumento para enfrentar a vida e ajudar pessoas a superar desafios. Mas, apesar de a harmonia dos sons ser uma grande preferência em sua vida, ela é apaixonada pelo silêncio.

Nariz afilado, olhos azuis, cabelos loiros de tamanho médio, lisos e bastante volumosos; Verónica Pascucci, aos 58 anos, é uma mulher bonita. O sotaque estrangeiro, com português bem falado, lhe conferem uma aparência elegante. Sua distinta educação, de quem nasceu em uma família argentina de costumes conservadores, reflete-se em seus modos.

Há em seus movimentos um controle que sugere força. Intolerante com a indisciplina, Verónica Pascucci tem temperamento forte e não se conforma com o descuido dos jovens com instrumentos e outros materiais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde é coordenadora e professora do curso de Música. Um piano abandonado em sua sala, para ela é motivo de compaixão. Não suportando ver o estado de negligência ao qual o instrumento fora submetido, mandou fazer-lhe um calço, porém, a ferrugem já havia consumido boa parte do seu maquinário. “É uma pena que algo assim se estrague”, lamenta.

A música levou Verónica Pascucci a aprimorar a percepção da dor, do medo e do pavor. “A música me proporcionou um grande conhecimento da alma humana”, afirma. Trabalhando como terapeuta, por meio da música, seu grande aprendizado ocorreu quando trabalhou na antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) de São Paulo, aos 24 anos. Aos cuidados dela foi entregue um grupo de 45 crianças excepcionais e abandonadas.

Ela conta que esse grupo formado por bebês, meninos e meninas, com idade entre 0 e 5 anos, permanecia no berço o dia inteiro. Muitas não sabiam usar o banheiro. Todas ficavam confinadas, não saíam do quarto. “Elas comiam deitadas, por meio da mamadeira. O mingau caía pelas laterais dos lábios, o que provocava feridas no canto das bocas”, conta. Para ensinar as crianças a usar o ba-

neiro, Verónica Pascucci escreveu músicas. Aos poucos, os mais espertos conseguiram usar o penico ou o vaso sanitário. “Querida que elas saíssem das fraldas que só podiam ser trocadas duas vezes por dia”, explica.

No trabalho da Febem, a pianista destaca uma história em particular. “Cada caso é um caso, cada história é única, cada dor é única”, diz. Mas se emociona ao lembrar uma criança que não podia andar e ganhou um skate, o qual empurrava com as mãos, já que os membros inferiores não funcionavam. “Um dia ele começou a me dizer: – Ontem minha mãe veio me visitar. Depois de uma semana, apareceu uma mulher procurando seu filho. Era a mãe do menino, uma senhora alcoólatra que o havia esquecido na porta de um bar, por quatro anos. Ele ficou feliz, mas depois de um mês a mulher desapareceu novamente. Concluí que, quando o garoto via a mãe, ele a via em sonhos e falava-nos da visita”, relata.

A pianista tem paixão pela natureza. Apesar de morar em um apartamento, costuma cultivar flores em jardins que cria por onde passa, seja na casa de amigos, seja no local de trabalho. “Adoro plantar. As flores são lindas. Gosto da natureza, das estrelas, da chuva, da neve, do trovão”, destaca.

Para Verónica Pascucci, a música carrega memórias, mas é no silêncio que ela se encontra consigo. “O silêncio é nosso mentor. Ele leva ao encontro da nossa mente consigo mesma. Ele só incomoda as pessoas que estão incomodadas com elas mesmas”, reflete.

**Dedicação** – O talento é um caminho que se constrói e que requer muita dedicação. Para a pianista, essa trilha começou logo cedo, aos 5 anos. A mãe pianista, Matilde Isabel Murray de Pascucci, entregou todos os filhos ao instrumento, contratando um professor para ensiná-los. As aulas eram rigorosas e se estendiam por longas horas. Entre os quatro irmãos, Verónica foi a única que construiu carreira em cima da música. “Minha mãe tinha forma, força, princípios. Para os seus filhos, o rigor era normal”, conta.

A mão para o piano tem de ser treinada. A percepção estende-se desde o braço, passando pelo pulso até chegar à ponta dos dedos. “Trazemos bagagens para tudo. Eu trouxe para a música, mas tudo se educa. Como Einstein diz, o talento é 95% de dedicação e 5% de genialidade”, diz a pianista.



A musicoterapeuta argentina Verónica Pascucci acredita no poder da arte, em especial da música



“Há moldes de vida. O molde da minha é peregrinar”, diz a pianista

A pianista Verónica Pascucci tem dupla nacionalidade. Nascida na Argentina, de pai italiano, herdou a cidadania dos dois países. Além disso, ela tem visto de residente permanente no Brasil e na Alemanha. Em busca da música e do conhecimento da alma humana, seu espírito de peregrino a tem levado a uma jornada cheia de descobertas.

Verónica Pascucci hoje é coordenadora e professora do curso de Música da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Formada em Música pelo Conservatório de Buenos Aires, em Musicoterapia pela Universidade de El Salvador, pertencente à ordem jesuíta.

Mudou-se da Argentina para São Paulo com o ex-marido, após o casamento. Desfeito o matrimônio, foi morar em Espírito Santo. Um ano depois, regressou para São Paulo. Foi quando, a convite de um amigo, participou de uma palestra sobre antroposofia – filosofia e prática introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner e que reúne os

pensamentos científico, artístico e espiritual para abordar o ser humano em seus níveis físico, vital e espiritual. “Ele falou sobre o método de ensino Waldorf, que utiliza a música. Significou uma profunda mudança em minha vida”, conta.

Após três anos, mudou-se para Alemanha, onde permaneceu por cinco anos, a fim de aprimorar seus conhecimentos em música, filosofia e pedagogia. Sentindo falta do sol e do calor, voltou ao Brasil. “Não me acostumava com o frio e, principalmente, com a escuridão. Passávamos oito meses sem ver o sol”, relata.

Em férias, viajou novamente para a Alemanha para visitar uma amiga. Durante um passeio por uma praça, escutou o canto de um russo. Por causa dessa voz, resolveu ficar no país. Deixou as roupas na casa da amiga, voltou ao Brasil, vendeu sua casa e retornou à Europa. Na nova casa, chegou a compor peças musicais, fazer concertos e dirigir

orquestras, trabalhando com adolescentes e com adultos com problemas psiquiátricos.

Mas um acidente a fez retornar ao Brasil. Ela deslocou o braço ao tomar banho de piscina, pouco antes de uma grande apresentação de uma montagem sua. “Entendi o acidente como um chamado. Foi um momento de mudança, por isso, decidi morar novamente no Brasil”, conta.

Trabalhou e estudou em Brasília, onde fez mestrado. Também fez doutorado em Marília (SP). Há quatro anos, veio morar em São Luís para ser professora do curso de música da UFMA, que formou sua primeira turma este mês. “Sofri muito por causa do calor e das dificuldades por causa da profissão. Passei por muitos lugares desenvolvidos. Não é estranho que isso aconteça. Mas estou sentindo-me cada vez melhor morando aqui. Porém, não tenho problema em partir, nunca tive”.

Flora Dolores



Pianista cultiva um jardim em um pequeno espaço na UFMA; ela é apaixonada pela natureza



Estou sentindo-me cada vez melhor morando aqui. Porém, não tenho problema em partir, nunca tive”

RAIO X

**NOME COMPLETO:** Maria Verónica Pascucci

**Profissão:** pianista e professora

**Idade:** 58 anos

**Nascimento:** 19 de junho de 1952

**Naturalidade:** Junin, província de Buenos Aires, Argentina

**Filiação:** Orlando Angel Pascucci, 92 anos, e Matilde Isabel Murray de Pascucci, já morta

**Qualidade:** Autenticidade e verdadeira

**Defeito:** Muitos, porque considera que tem o temperamento muito forte

**Alegria:** A natureza tem várias. Gosta da neve, da chuva, do trovão. Também se alegra com as pessoas.

**Tristeza:** Acredita que quem vive também tem tristezas. Tristezas por situações extremas, mas, em geral, acredita que sente tristeza por pessoas.

**Saudade:** “A saudade pertence ao ser humano. A gente sempre tem saudade. Saudades são pessoas, lugares, paisagens. Mas a saudade é um engano. Sentimos saudades de um ideal, dos mais grandiosos dos nossos dias”

**Pianos:** “Nunca o que planejei foi o que minha vida me fez viver. Nunca sonhei em ser sozinha, nunca sonhei em ir para a Alemanha, nem para o Brasil, principalmente, vir para o Nordeste. Tenho os ouvidos abertos para as mudanças que a vida nos traz”